

A DEMOCRACIA SERÁ O FUTURO NA AMÉRICA LATINA?¹

ALGO SOBRE O SER HUMANO E A DEMOCRACIA

O ponto de partida da minha dissertação baseia-se no pressuposto de que não nascemos humanos, mas que a humanização é um processo que parte de um criatura que, através de um fluxo relacional - que podemos qualificar como educacional - se torna humano.

E é legítimo nos perguntarmos agora: tornar-se humano é um sinal de genética ou é um processo aleatório? E quanta genética, ou seja, herdável e, portanto, sujeita à evolução, haveria no homem para se transformar em humano?

E o que queremos dizer com humanos. Seu primeiro mandato será preservado como uma espécie? E se assim for, então o outro se torna indispensável e conserva e ajudar a preservá-lo seria a prioridade incontestável. E a partir daí surgiria então uma série de condições pessoais que o tornariam cada vez mais humano, tanto na filogenética quanto na ontológica. Ou seja, na evolutiva e no desenvolvimento. E de repente, um, o indivíduo, repete o outro, o filogenia, pessoalmente.

Mas, nós insistimos: ¿o que nos torna humanos? E então teríamos que fazer um curso de alguma forma ético-racional e dizer que conservar e conservar a espécie seria sua primeira condição. Daí os cuidados necessários do criatura e dos sujeitos que o indivíduo consegue se vincular, desde aqueles que recebem gratificação e aqueles que ele gosta gratificante. E essa seria a gênese de uma segunda condição básica: o amor. No final das contas, o *amor* é o *outro*.

O PARADIGMA DO SER HUMANO

Agora: o prazer de sentir indivíduos, de fazer uma loa para si mesmo, nos leva a respeitar a individualidade do outro. E nesse plano especular, narcisista, desfrutar com a individualidade do outro e seu bem-estar, ligado a ser livre e independente. E colaborar com isso nos leva à razão de que, se somos iguais, devemos ter a todos os homens os mesmos direitos e obrigações. E assim as condições estão em cascata que nos tornam cada vez mais humanos.

Começamos então priorizando a *individualidade* sobre o gregismo;² para aceitar o outro em pé de *igualdade*; para ver que para o seu bem-estar ele precisa de *liberdade* para que ele possa desenvolver uma vida plena; portanto, ele deve ser *independente* e sentir uma sensação de *completude* de sua self; sentir-se também *seguro* e com *autoestima* adequada; *dignidade* em agir e desenvolver um poder de *generosidade*, *respeito* e *solidariedade*. Tudo isso exige que você tenha uma alta capacidade de *tolerância* e *respeito à diferença* e, portanto,

¹ Por Guillermo Carvajal, médico psicoanalista, Miembro Titular Sociedad Colombiana de Psicoanálisis

² Freud, Sigmund, *Psicología de las masas y análisis del Yo*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973. III T. P. 1920

inclusão. E o raciocínio cada vez mais o levaria a levar ao *criativo* como um fim ao seu pensamento, a ter um *senso crítico* diante de si mesmo e diante dos outros e, inevitavelmente, buscar sua própria *eficiência* e a daqueles ao seu redor. Se o processo ocorre evolutivamente, inevitavelmente leva a colocar o *outro acima de qualquer consideração* e será capaz, com ele, de se *relacionar no amor*. E essa inevitável e ordenada necessidade evolutiva de pensar em agir, ou seja, fabricar uma capacidade de *pensar pensamentos*, vai levá-lo a ser *espontâneo, pensamento lógico* e possuir seu *tempo livre*. E estruturado essa ética do outro acima de qualquer consideração vai levá-lo a ter *equidade* em sua atuação, a praticar a *justiça* e a ser capaz de realmente *reparar*. Isso inevitavelmente o torna honesto, e quem é sabiamente cai na *política* e desfruta de amplo desenvolvimento *espiritual*, ou seja, não depende de objetos.

E esse PARADIGMA DO SER HUMANO - e sem medo de cometer erros - compreende o paradigma ideal de um ESTADO MENTAL NA DEMOCRACIA.

EUNA POSSÍVEL GÊNESE DA DEMOCRACIA

Mas se revisarmos a história, isso teve um processo constante que foi operado em seu início pelos gregos, no chamado *Milagre Grego*³, e depois conceituado no futuro do humanismo, com seu antropocentrismo indispensável, por um lado, e seu olhar curioso para a natureza, por outro. Vale destacar a evolutiva do processo, mas até agora nos permitimos rotulá-lo, de forma eufemista, como uma *transformação cultural*.

Mas alguém, o grande Donald Winnicott, como um bom darwinista, faz disso uma evolução com um mandato genético.

Ele começa afirmando que "*a democracia é a forma correta de governo para liderar a convivência de pessoas maduras*". Aqui teríamos que aceitar a nível outópico a realização de uma maturidade político-evolutiva da humanidade, com a democracia sendo seu clímax. Mas poderíamos parangonar a maturidade psicológica para um sistema político? Winnicott então complica o problema afirmando que há uma "*tendência democrática inata*"⁴; e afirma: "*Nesta sociedade, e neste momento, há maturidade suficiente no desenvolvimento emocional de uma proporção suficiente de indivíduos que a entendem para que haja uma tendência inata de criar, recriar e manter uma máquina democrática.*"⁵ É possível que, para a enorme admiração de Winnicott por Darwin, isso o levou a ver que a evolução, não mais simplesmente biológica e psicológica da cultura ou da sociedade, levou o indivíduo em massa, ao homem ocidental, a identificar-se com esse processo evolutivo e inevitavelmente cair totalmente no democrático, já experimentalmente eclodido entre os gregos antigos, mas sem continuidade depois deles, por falta de evolução cultural maciça suficiente.

³ Jaeger, Werner, *Paideia. Los ideales de la cultura griega*. Fondo de Cultura Económica, México, 1957

⁴ Winnicott, Donald. *La familia y el desarrollo del individuo*, Bs As, Editorial HORME, 1967. P. 202

⁵ Id., p. 202

As revoluções francesas e americanas seriam mais uma prova dessa explosão evolutiva; e a implementação da democracia seria o resultado de um mandato evolutivo já inato no homem de hoje. Até agora, o brincalhão Winnicott nos traz. E para ele, a *maturidade* alcançada pelo *homem saudável de hoje* exige democracia.

Diz como corolário: "*Quero expressar inatamente o seguinte: tendências naturais na natureza humana (hereditária) florescem e se tornam o modo democrático de vida (maturidade social); mas isso só é alcançado através do desenvolvimento emocional saudável dos indivíduos...*"⁶

E pergunta: "Como desenvolver o fator democrático inato?" E responde: gerar "boas famílias comuns" através de um processo educativo promovido pelo Estado, uma associação que deve se preocupar, antes de mais nada, em dar instrumentos científico-psicológicos para alcançar casais saudáveis, lares saudáveis e jovens saudáveis.

Mas se seguirmos esse fio comum teríamos que definir a democracia politicamente dentro de um paradigma que nos aproxima do psicológico e do individual-social. No final do dia, o centro da democracia é a ***dignificação acérrima do indivíduo***, um e todos, e pode ser operacionalmente definido como ***humanismo na prática***. Os pensamentos e lutas de toda a tríade de mentes da ilustração e revoluções francesas e americanas seriam incorporados nesse absoluto categórico. E nós já fizemos isso aqui quando delineamos o ESTADO MENTAL EM DEMOCRACIA

Freud e sua teorização psicanalítica colocam no indivíduo o centro do sistema que recriam. Todo o seu trabalho, clínico por excelência, foca no indivíduo. Mas ao abandonar sua primeira "teoria traumática" (onde o exterior era parte do problema) e, em seguida, colocar uma ênfase total no interior, ele transforma o indivíduo social em um ser solipsista, quase um auto-criador da realidade real, uma vez que este – exagerando – seria um "produto mental" e, pior, "mental individual" e, portanto, transferido. Fechar o círculo nos afasta do outro como objeto de estudo de sua historicidade e trabalho clínico, dando-lhe uma auréola fantasmagórica de presente ausente e, mais complexo, elimina-o como interlocutor e potencial causa de conflito, colocando-o apenas como resultado de lutas entre instâncias psíquicas.

Winnicott resolve esse enigma paradoxal colocando o indivíduo humano como produto de uma interjulgação afetiva e social no centro do problema, deixando o solipsismo individualista e interno de lado, privilegiando o externo e o relacional. E novo paradoxo: do dualismo freudiano usual, a partir de duas forças energéticas em conflito, passa para o monoísmo de propor uma única força que integra todas elas, "a força vital", deixando o conceito de conflito na realização ou não de uma relação adequada entre o meio ambiente e o eu em desenvolvimento. Nova metapsicologia que marca novos destinos na forma de teorizar e da clínica.

⁶ Winnicott, Donald. *La familia y el desarrollo del individuo*, Bs As, Editorial HORME, 1967. P. 202

E COMO FAZER DEMOCRATAS

Então vamos continuar com as abordagens do Donald. Ele nos diz com humor irônico "*não há nada que possamos chamar de bebê*"; mas ao inscrever a origem disso na interação entre o nascimento e a mãe, ele automaticamente privilegia o social. Entre esses dois é fabricado um. Entre algo relato e não-óide e alguém que quer reconhecê-lo como humano eles fazem uma mente. O médium é o produto de um ato eminentemente corporativo. Mas o processo do ser humano está ocorrendo na inter-relação entre essa mãe que se torna um ambiente e aquele que nasce, dentro de um processo que temos chamado educacional, no sentido de que tentamos garantir que esse ser nascente esteja sendo incluído dentro de um *paradigma cultural*. E a mãe é sua primeira representante e executora.

E a partir daí estão emergindo para ideais paradigmáticos de winnicott de *maturidade, desenvolvimento ideal, ambiente facilitador, falso e verdadeiro self, capacidade de conter, existência do outro, "holding", "manipulação", "preocupação" ou consideração pelo outro, amor, justiça, equidade, realismo, pensamento e não agir, indivíduo firme*, adulto que para ser ele mesmo deve tratar-se como "*uma mãe boa o suficiente*", etc., todos os conceitos bipessoais, o que certamente nos aproxima do paradigma cultural e democrático já exposto.

E como corolário, um psicanalista que privilegia o objeto sobre a força arrebatadora do instinto, que coloca na primeira fila a relação com o outro acima da existência solipsista, que o analista não tem nada além de se aventurar no conceito da política e, obviamente, "*democracia como estado mental*"⁷. A psicanálise só pode ser implantada, para abrir suas asas de existência e desenvolvimento, dentro das regras político-democráticas do jogo. E se a ênfase o coloca no relacional não só existe dentro e pela democracia, mas é forçado a falar sobre isso, privilegiando-o como um "*ambiente facilitador*" para o desenvolvimento operacionalmente ideal do indivíduo. E nos perguntamos se não será obrigação dos psicanalistas falar no ouvido aos legisladores sobre todas essas realidades e mostrar-lhes a equação *ambiente-psiquis-comportamento-social*, uma condição sine qua non para produzir na sociedade os seres humanos que buscam os paradigmas teóricos que tornam a democracia politicamente possível.

Mas também teríamos que dissociar os conceitos dispostos a entender, por exemplo e principalmente, o de um *ambiente facilitador*.

ESTAMOS DESENVOLVENDO DEMOCRATAS NA AMÉRICA LATINA?

Em uma investigação sobre como treinar crianças para a guerra e crianças para a paz, tomamos a educação guerreira espartana e democrática ateniense como referência e comparamos nossa população urbana a esses modelos, chegando à triste conclusão de que,

⁷ Carvajal, Guillermo. *Cartas a Andrés. Como formar un demócrata sin corromperlo*. Bogotá, Editorial PANAMERINACA, 2002

em nosso país, a Colômbia, muito mais crianças foram produzidas para a guerra do que para a paz.

Observando desde vários modelos até o cenário e experiência de dois estratos socioeconômicos extremos, que geralmente estão localizados em cidades latino-americanas em lugares isolados (quase sempre norte v/s sul e leste v/s oeste) pudemos ver em breve que no primeiro, os mais sobrecarregados pela falta, havia crianças, famintas, perigosamente abandonadas - na maioria das vezes pelo pai e em parte pela mãe - severamente maltratado por alguém mais velho do que ele, muitas vezes abusada sexualmente, forçada a observar o crime como um modelo de vida e sobrevivência, e sistematicamente ensinada a roubar. Vivendo em ambientes cheios de ressentimento e ódio, com uma mãe explorada e abusada, e liderada por figuras parentais amargas, violentas, abandonadas e sem futuro.

No segundo mundo socioeconômico, onde prevaleceu a abundância, observamos crianças e adolescentes com pais bem-sucedidos, mas ausentes. Eles compensaram sua não presença e sua culpa persecutória emergente por não ser, com tríades de objetos, mudando caleidoscopicamente. Que eles comeram o que quisessem e a la carte. Não exigiu nada ou nada, com pouca autoridade e livre como o vento. Azul, soberba e altaneros. Reclamando de não gratificação por nada. Triste e deprimido, onde nada satisfeito ou preenchido. Fazendo uma dieta rigorosa para parecer mais bonita ou bonita, rejeitando propositivamente a comida abundante. E cone, auto-agrados e auto-treinamento para se sentir integrado e existente.

E temos no centro uma classe média empobrecida que luta para sobreviver e que tem toda a vontade de uma boa vida, mas que as exigências de seu dia a dia cortam a qualidade de vida certa e amputam seu bem-estar.

Esses cenários extremos serão um bom *ambiente facilitador* para a criação de mentes na democracia?

A DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA TERÁ FUTURO?

Obviamente, quando perguntados se a democracia terá um futuro na América Latina, a primeira coisa que temos que nos perguntar é se estamos fabricando-a. Se em nossa região há as condições familiares mínimas e socioambientais para produzir um estado mental em democracia generalizada e massiva.

Nossas comunidades terão um ambiente facilitador médio para gerar massa crítica democrática? Winnicott disse: "*Devemos criar **casas comuns** capazes de a mãe ser capaz, através de sua consagração ao bebê, de gerar o fator democrático inato.*"⁸ Nossos bebês terão essas garantias?

Para que nossos jovens sejam democráticos, eles devem ter sido criados em ambientes educacionais e sociopolíticos democráticos e, portanto, em famílias democráticas.

⁸ Winnicott, Donald. *La familia y el desarrollo del individuo*, Bs As, Editorial HORME, 1967

Portanto, tememos que a resposta para saber se na América Latina estamos gestating democratas é um não, bastante retumbante; e seria responsabilidade dos psico-socioantropólogos investigar as razões pelas quais isso não foi possível e, de repente, não será possível.

A pesquisa sobre antropologia social é curta, com os psicanalistas tendo obrigação de adicionar nossas fichas ao quebra-cabeça, a fim de ver mais claramente a imagem do que está acontecendo conosco e, assim, contribuir para um futuro mais promissor em nossa região.